



Da pesquisa

Para sustentar um corpo, é preciso contê-lo. Partindo dessa ambiguidade, crio performances duracionais nas quais coloco o corpo - o meu ou de intérpretes com quem trabalho há anos - sob a guarda de um objeto: um pódio, uma caixa, uma prótese de couro, um ninho de ripas, uma renda. Enquanto o objeto apoia, imobiliza, carrega e oculta, o corpo descansa, cede, se cansa, espera e aceita que, eventualmente, desaparecerá.

Esses objetos são feitos e pensados sob medida para as ações e sobrevivem a ela como escultura; a fotografia e o vídeo, quando usados, mostram também o corpo contido ou em vias de sucumbir. Mostro imagens onde se espera um corpo, e corpos onde se espera uma imagem.

Parte do trabalho nasce de obras históricas da performance, mas não as reencena: inverte as posições de poder. Contra o corpo heroico da body art, que resiste, sangra e prova sua força, apresento corpos em repouso, impotentes, às vezes ridículos, que recusam qualquer clímax. Uma ironia seca é também parte do método: um tênis motorizado que chuta quem o calça, um pódio desmontado até virar banco.

A pesquisa se desenvolve entre o museu, a galeria e o palco, dado meu trabalho e formação entre os circuitos do teatro, da dança e das artes visuais. Viso assim um trabalho pautado no rigor da coreografia, nos objetos escultóricos que encontram autonomia e na busca por uma política do repouso e da impotência.

Que por vencedor ninguém te reconheça, 2024

Performance duracional, 7 h

Seis blocos de madeira numerados; dossiê.

SP-Arte, São Paulo, 2024;

Paço das Artes, São Paulo, 2024

Coleção particular

Foto: Mariana Chama

Seis blocos de madeira formam um pódio: 1, 2, 3. Durante sete horas, no meio de uma feira de arte, desmonto e remonto a estrutura sem parar — escada, torre, banco, cama — e, de tempos em tempos, me deito sobre ela. O objeto feito para separar o primeiro do segundo e do terceiro passa a servir para o descanso. Em *Pose Work for Plinths I* (1971), Bruce McLean posava sobre pedestais; aqui o pedestal não eleva ninguém.

vídeo

youtu.be/ouiiMN-ftSA





O performer, 2025

Performance duracional, 4 h em ciclos de 40 min

Caixa de madeira, corda, vídeo

Casa de Cultura do Parque, São Paulo, 2025

Foto: Mariana Chama

Dentro de uma caixa de madeira, sigo as ordens de um vídeo em que eu mesmo me instruo a amarrar o corpo com uma corda grossa. O público não vê o interior da caixa: vê a corda entrar e sair, ouve minhas respostas. Em *Remote Control* (1971), Vito Acconci comandava Kathy Dillon à distância. Aqui quem manda e quem obedece são a mesma pessoa, e a ordem é continuar.

vídeo

youtu.be/HQKiYxAxelo





Odiar os artistas, 2023

Performance duracional
em forma de ladainha, 4 h
Vestimentas escultóricas em madeira e couro,
tênis motorizado, vídeo

Galeria Vermelho, São Paulo, 2023;
Casa de Cultura do Parque, São Paulo, 2023

Participação: Carolina Callegaro

Foto: Mariana Chama

Durante quatro horas, recito sem parar uma colagem de textos sobre o ódio que a sociedade sente pelos artistas — e o que os artistas sentem de volta. Não me movo: vestimentas escultóricas me mantêm sentado e duplicam meu corpo. No vídeo projetado ao fundo, um dos meus tênis me persegue; no palco, o mesmo tênis, preso a um motor, me chuta de tempos em tempos.

vídeo

youtu.be/D9thhkCTgVc





Objeto para soberba e obediência, 2023

Madeira, couro e latão sobre suporte de madeira.

Duas fotografias, jato de tinta sobre papel algodão, emolduradas, 40 × 70 cm cada

Exposto em *pequenas mortes*, Centro Cultural Correios, Rio de Janeiro, 2025

Foto: Filipe Berndt

Uma das vestimentas de *Odiar os artistas*. Feita sob medida para o meu tronco, tem dois dispositivos reguláveis: um força o queixo para cima, outro curva a nuca para baixo — soberba e obediência como duas posições da mesma cabeça. Fora da performance, a peça é exposta em seu suporte, ao lado de fotografias do corpo que a vestiu.



Uma árvore tombada se mede melhor, 2024

Performance duracional para flores, madeira e corpos, em ciclos de 1 h

Comissionada pela Pinacoteca de São Paulo

Intérpretes: Dani Mendes, Rafael Carrion e Renan Marcondes

Foto: Mariana Chama

Um corpo cerca a si mesmo com ripas de madeira e flores até formar um ninho, ou um esqueleto externo, e se deita imóvel sobre um grande chão de flores. Outro corpo se apoia nele para comer uma maçã. Os ciclos se repetem ao longo do dia. As ripas não organizam o movimento: formam uma arquitetura frágil, que pode ruir a qualquer momento.

vídeo

youtu.be/GSTlWDeZhas





Pra este sol, para essa escuridão, 2024

Performance duracional, 3 h

Escultura com flores sobre roda

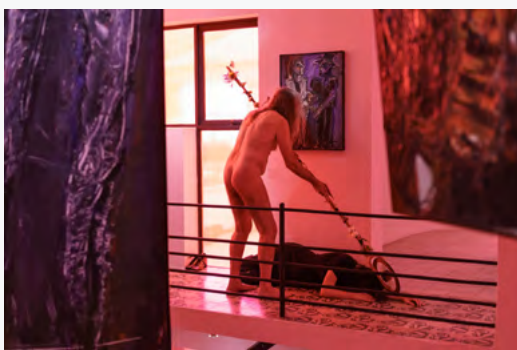
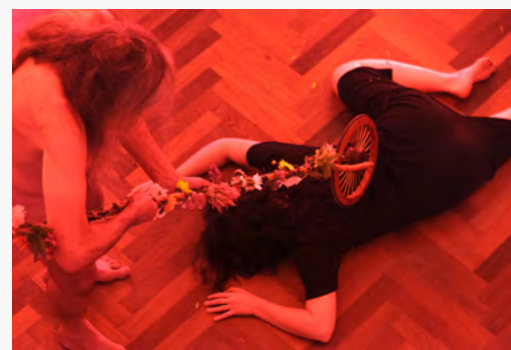
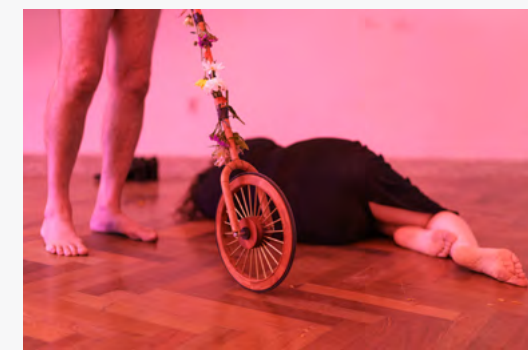
Casa SP-Arte, São Paulo, 2024

Intérpretes: Marilene Grama e Raul

Rachou

Foto: Mayra Azzi

Um homem idoso e nu carrega uma escultura de flores montada sobre uma roda e anda devagar, sempre de costas. Infiltrada no público, uma intérprete às vezes sussurra uma canção no ouvido de alguém, tira os sapatos e se deita no chão; a roda passa sobre suas costas. A ação foi criada para a abertura de uma exposição de Oswaldo Goeldi e Iberê Camargo, pintores de rodas, sóis e círculos.





Composições de espera, 2025

Performance, cerca de 1 h Adorno de cordas e folhas

Residência Werkstattwoche, Luben, Alemanha, 2025

Foto: Lukas Gross

Um corpo alterna quatro ações — abraçar, aproximar, repelir, pausar — vestindo um adorno de cordas e folhas que liga suas extremidades. Cada gesto estica ou afrouxa o adorno, que desenha no ar o espaço entre mãos, pés e cabeça. A partitura não progride nem chega a um clímax: movimento, pausa, recomeço.

vídeo youtu.be/G592OD35a5o



pequenas mortes

Exposição individual

Centro Cultural Correios, Rio de Janeiro, 2025

Foto: Filipe Berndt

Em *pequenas mortes*, objetos nascidos de ações — como o *Objeto para soberba e obediência* — aparecem ao lado das fotografias realizadas nos processos de pesquisa para obras ao vivo ou em situações orientadas para a câmera. O espaço é ocupado pelas próteses e fotografias sequenciadas, dando narratividade às imagens.



Protetores de proximidade humana (PPH), 2015–2017

Série de dispositivos escultóricos de separação, com vídeo, texto e dossiê

Protetor de proximidade humana para valsa (2015). Coleção particular; Protetor de proximidade humana para beijo (2017). Acervos do Museu de Arte Contemporânea de Ribeirão Preto e do Museu de Arte do Espírito Santo

Realizados com o Prêmio Mostra de Arte da Juventude, Sesc, 2015; Temporada de Projetos do Paço das Artes 2017

Dispositivos para impedir o contato. O *Protetor para beijo* impede que um beijo envolva saliva, suor, visão, olfato, hálito ou proximidade excessiva; o *Protetor para valsa* mantém um casal a uma distância fixa enquanto dança. Os objetos são demonstrados ao vivo, em vídeo e em exposição. Lygia Clark criou objetos relacionais para aproximar os corpos; os PPH fazem o caminho inverso.

vídeo youtu.be/hTv1lO8pWlk

vídeo youtu.be/_jS9FHuiiQg



Vista de exibição do *Protetor de Proximidade Humana Para Valsa*

Foto: João Mascaro

O maior museu do mundo,

2019–2022

Performance duracional para bailarina de olhos fechados
Palco de madeira, pedestais em miniatura, areia

Pivô Arte e Pesquisa, São Paulo, 2019;
Universidade Federal de Uberlândia, 2019;
Galeria Vermelho, São Paulo, 2019; Sesc
Pompeia, São Paulo, 2022

Intérpretes: Carolina Callegaro, Clarissa
Sacchelli (2019–2020) e Marilene Grama
(2022)

Foto: Edouard Fraipont

De olhos fechados, uma bailarina se move
devagar sobre um palco de madeira.
Retira do próprio corpo pequenos
restos — um cílio, cera do ouvido — e
os dispõe sobre vitrines e pedestais em
miniatura. Enquanto isso, escorre areia
da bolsa de alguém na plateia, como de
uma ampulheta. O museu é feito do que o
corpo perde.

vídeo

youtu.be/7PMXhFAAlo8





Solo, 2018–2024

Vídeo HD, cor, som, 54'

Filmado no Sesc Avenida Paulista, São Paulo, 2018, por BRUTA Flor Filmes

Exibido na exposição individual *Solo*, 33º Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo, 2024

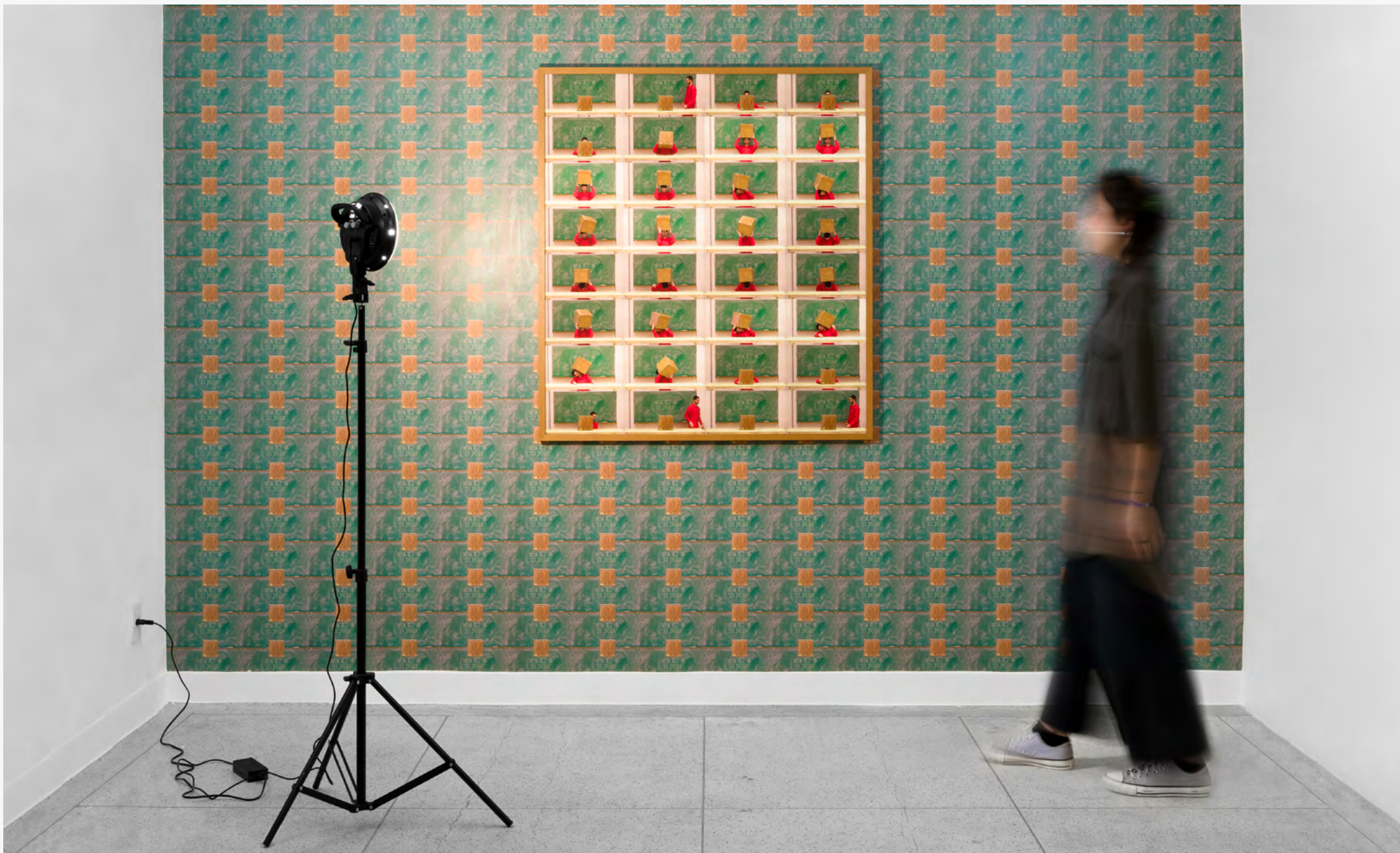
Intérprete: Carolina Callegaro

Numa sala envidraçada, uma mulher tenta completar a palavra *desejar*, impressa no vidro, com outras palavras impressas em papéis amassados no chão. Enquanto ela tenta, a sala é tomada por fumaça, e uma narração aproxima a expressão “nuvem de fumaça” do “Dia do Fogo”, quando, em 2019, produtores rurais incendiaram em conjunto áreas da Floresta Amazônica.

vídeo

youtu.be/9Nj_QXv6ruo





Dessa vez vai ser diferente, 2023

Jato de tinta sobre papel algodão, emoldurado, 100 × 112 cm

Papel de parede, dimensões variáveis

Foto: Estúdio em obra

Como num storyboard, a fotografia mostra várias tentativas de equilibrar um cubo de madeira sobre a cabeça, com a frase do título escrita ao fundo de cada quadro. A impressão é montada sobre um papel de parede cujo padrão é o cubo sozinho, sem o corpo que tenta sustentá-lo.

Textos críticos

“ [...] Aos poucos, sua pesquisa se expande e, tal qual uma fábula, vai ganhando prolongamentos físicos – objetos usados pelo artista vão de encontro ao corpo do público, ao espaço e se põe em relação com outr_s performers em um flerte com o surrealismo”

Raphael Fonseca, curador

2021

“ [...] Além disso, as proposições artísticas de Renan Marcondes também podem ser interpretadas por uma prática de política do espaço, interrogando as maneiras pelas quais os ambientes físicos moldam nossas percepções e experiências de mundo. Suas instalações e performances frequentemente brincam com escala, materialidade e relações espaciais, convidando os espectadores a reconsiderar seus arredores e as dinâmicas de poder neles embutidas.”

Carollina Lauriano, curadora

2024

“É justamente nessa ínfima espessura do tempo que as composições do artista Renan Marcondes parecem residir. As ações propostas por ele transitam num liminar daquilo que está iminente de acontecer e daquilo que acabou de ser desencadeado, mantendo um estágio de suspensão temporal e espacial.”

Tiago Sant`Ana, curador e artista

2025

“ [...] Há também trabalhos em que o artista explora os limites corporais, criando dispositivos que podem ser “vestidos” ou portados – por ele ou pelo espectador – e que alteram os funcionamentos e funcionalidades dos membros. Esses objetos quase-esculturais são frequentemente criados para uso em conjunto com um ou mais parceiros, desafiando não apenas a gestualidade de um corpo mas obstruindo a proximidade, a intimidade e as possibilidades de encontro.”

Julia Lima, curadora e crítica

2018

Bio



Renan Marcondes (São Paulo, 1991) é artista e pesquisador. Em performances de longa duração, esculturas vestíveis, fotografias e vídeos, coloca o corpo sob a guarda de objetos que o sustentam e, ao mesmo tempo, o prendem. Formado em teatro, dança e artes visuais, circula entre o museu, a galeria e o palco.

Foi selecionado pela revista ArtReview entre os “Future Greats” (2023) e recebeu o Prêmio Denilto Gomes de Dança (2026). Criou trabalhos comissionados pela Pinacoteca de São Paulo (*Uma árvore tombada se mede melhor*, 2024) e pelo Theatro Municipal de São Paulo (*Fantasia Brasileira*, 2024) e apresentou *outro chão* na XXIV Bienal Internacional de Arte de Cerveira, em Portugal (2026). Entre outros trabalhos, destacam-se *A primeira dança* (Sesc Ipiranga, 2026), *Odiar os artistas* (apoio CNPq, 2023), *Protetores de Proximidade Humana* (Prêmio MAJ Sesc, 2015; Temporada de Projetos do Paço das Artes) e *Como um jabuti matou uma onça e fez uma gaita de um de seus ossos* (ProAC; Prêmio do Setor de Performance da SP-Arte, 2015). Suas obras integram os acervos do Museu de Arte do Rio, do Museu Nacional de Belas Artes, do Museu de Arte do Espírito Santo, do Museu de Arte Contemporânea de Ribeirão Preto, do Acervo Municipal de Santo André e da Pinacoteca de São Bernardo do Campo.

Atualmente, desenvolve *O defunto carnavalesco*, pesquisa que aproxima luto e festa como experiências do corpo. Iniciada na residência PIVÔ Salvador (2026), a partir do contato com as Caretas do Mingau, de Saubara, e a Irmandade da Boa Morte, de Cachoeira, a pesquisa segue no CAMPUS Paulo Cunha e Silva, no Porto (2027), e tem estreia prevista para 2027. É também idealizador e curador de *toró*, programa público de performances do Instituto Tomie Ohtake.

Entre suas exposições individuais estão *pequenas mortes* (Centro Cultural Correios RJ, 2025), *Solo* (33º Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo, 2024), *Reorganizar os líquidos do corpo* (OMA Galeria, 2023, curadoria de Galciani Neves), *Como se a paixão fosse uma grande esponja molhada* (OMA Galeria,

2021, curadoria de Raphael Fonseca), *Pinóquio* (Centro Cultural Correios, 2021, curadoria de Júlia Lima), *Fundo Falso* (Instituto Adelina, 2018, curadoria de Josué Mattos), *O que o corpo abriga* (Centro para os Assuntos da Arte e Arquitetura, Guimarães, 2017) e *Contra Corpo* (Oficina Cultural Oswald de Andrade, 2015). Participou da Bienal Sesc de Dança, do IC Encontro de Artes, do PERFORMAÇÃO e da mostra VERBO de performance arte.

Realizou residências na PIVÔ Salvador (2026), na Werkstattwoche, na Alemanha (2025), no Pivô Arte e Pesquisa, em São Paulo (2019), no Centro para os Assuntos da Arte e Arquitetura, em Portugal (2017), e no Instituto Sacatar, na Bahia (2017). Recebeu ainda o Prêmio de Criação em Residência para Jovens Coreógrafos do MIS-SP (2018) e o apoio da 35ª Lei de Fomento à Dança para a cidade de São Paulo (2023).

Na dança, criou, a convite do Sesc, *Cartas para Danças*, lançado na Bienal Sesc de Dança de 2023, e, a convite do Balé da Cidade de São Paulo, a primeira edição dos encontros públicos *Antes da cena*. Em 2023, foi mentor do mestrado da DAS Choreography, em Amsterdã. Desde 2015, ministra cursos e palestras sobre performance no MAM-SP, no MASP, no Itaú Cultural, no Sesc, no Senac, na Fundação Ema Klabin e no Instituto Adelina.

É doutor em Artes da Cena pela Universidade de São Paulo, com estágio de pesquisa na Justus-Liebig-Universität Gießen, na Alemanha. Sua tese recebeu o Prêmio Tese Destaque USP (2022) e foi publicada pela Annablume. Realizou pós-doutorados em Artes da Cena (ECA-USP) e em Filosofia (FFLCH-USP), com apoio da Fapesp e do CNPq. É graduado e mestre em Artes Visuais e especialista em História da Arte.

Contato

renancevales@gmail.com

+55 11 993977683

produção de performances

Tetembua Dandara

tetembua.dandara@gmail.com

+55 11 971658965

